



## LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA A VALORIZAÇÃO DAS AFRICANIDADES E AFRODESCENDÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA MULTI E INTERDISCIPLINAR

### CHILDREN'S LITERATURE: AN EDUCATIONAL PROPOSAL FOR THE VALORIZATION OF AFRICANITIES AND AFRODESCENDENCES IN A MULTI AND INTERDISCIPLINARY PERSPECTIVE

Reginaldo Ferreira Domingos<sup>1</sup>

Alexsandra Flávia Bezerra de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal relatar um trabalho de pesquisa e de contação de obras da literatura infantil voltadas para a valorização das africanidades, a saber: “O Mundo no Black Power de Tayó” e “A África de Dona Biá” realizada em três instituições públicas de ensino do município de Bodocó-PE. Para tanto, dialoga-se acerca do papel da escola na formação humana, como espaço de reflexão e luta contra os preconceitos e de constituição de novos significados e do respeito à diferença. Propõe-se através de novas leituras e formações continuadas construir uma escola e uma prática docente para o combate as mais variadas e diversas formas de desrespeitos, neste caso específico, o racismo contra a população africana e afrodescendente.

**Palavras-chave:** literatura infantil; cultura africana e afro-brasileira; práticas educativas; multidisciplinaridade; interdisciplinaridade.

**Abstract:** This article has as main objective to report a research and account of works of children 's literature focused on the valorization of africanities, namely: “O Mundo no Black Power de Tayó” e “A África de Dona Biá” held in three institutions Education in the municipality of Bodocó-PE. In order to do so, a dialogue is held about the role of school in human formation, as a space for reflection and struggle against prejudice and the constitution of new meanings

---

1 Professor da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em História e Sociologia, Graduado em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: reginaldo.domingos@ufca.edu.br

2 Professora de História da Rede Estadual de Ensino do Estado de Pernambuco. Doutora e Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em História e Sociologia, Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: alexsandra\_flavia@hotmail.com

and respect for difference. It is proposed through new readings and continued formations to build a school and a teaching practice to combat the most varied and diverse forms of disrespect, in this specific case, racism against the African and Afrodescendant population.

**Keywords:** children's literature; african and afro-brazilian culture; educational practices; multidisciplinary; interdisciplinarity.

## Introdução

A prática docente, atuação e a sua formação, nos dias atuais, exige um processo em que esteja frente às demandas contemporâneas. Novas estruturas sociais, novas demandas, mundo globalizado, novas tecnologias de informação e comunicação de alta velocidade e instantânea impera sobre o fazer do educador no seu cotidiano. Novos paradigmas, novos atores sociais requerem um compromisso daquele que educa, uma ação que esteja diretamente antenado com tais problemáticas. Existe uma efêmera transformação e o tempo urge, consumo, tecnologias conectam todas as pessoas ao mundo ao mesmo instante em que gera um distanciamento do ato de ser humano. Informações muitas vezes não geram conhecimento, muito menos conhecimento humanizado. (CANDAUI, 2011; LIBÂNEO, 2002).

Nesse sentido se faz necessário que o professor/educador tenha uma visão panóptica, olhar que busque compreender toda a dimensão social, cultural e histórica, na sua ação de docente. Atuar na sociedade com domínio da leitura e escrita, não somente ler para obter a informação, mas ler o mundo por meio das palavras, das imagens, dos fatos, dos códigos, das linguagens mais diversas e existentes, ler o mundo, em termos freireanos. O promotor do conhecimento, educador, deve buscar mudar seu olhar sobre o mundo, mudar a forma de ensinar colonialista, deve agir sobre a sua própria prática docente, ampliar e contextualizar a educação e seu ato de educar as demandas sócio-históricas, pois o mundo clama por mudanças e por olhares diferentes daqueles que sempre dominaram a educação. É necessário descolonizar o ato de educar e a educação (CANDAUI, 2011; LIBÂNEO, 2002; FREIRE, 1987; GIDDENS, 2012).

Dessa forma, pode-se utilizar indagações norteadoras para a prática de ensinar para libertar: o que ensinar? O que aprender? Quem são ou serão os sujeitos que receberão o ensino? Como o mundo está se comportando nas suas relações sociais, culturais, históricas? Quais os conceitos fundamentais na construção da epistemologia hodierna?

Assim, torna-se possível entender a grandeza de quem aprende e para que mundo se deve ensinar/aprender. A dimensão de mundo, representado pelos conceitos, é construção de dimensão histórica e culturalmente elaborada no processo de desenvolvimento humano. Destarte da mesma forma que, nesse processo de ensino/aprendizagem, se elabora a capacidade de expressar e compartilhar atitudes positivas e respeitáveis também é possível desenvolver no sujeito aprendiz ações que segregam, anulam, invisibilizam, menosprezam os outros sujeitos humanos dotado de direitos. Da mesma forma que se aprende a odiar, pode se aprender a amar pelo ato de educar. (CANDAUI, 2011; FREIRE, 1987; GIDDENS, 2012, VIGOTSKY, 2005).

É fundamental o papel da escola na edificação do conceito, na formação do humano, na descolonização do fazer educação, na luta contra o racismo, homofobia, lesbofobia, machismo, xenofobia e qualquer tipo de preconceito. O *lôcus* escolar é lugar de combater essas atitudes. É nela que constrói, no aprendiz, novos significados, leitura de mundo, amplia desenvolvimento cognitivo, amadurece o respeito da diferença. Nesse sentido é possível, com uso de novas leituras, novas formações continuadas, construir uma escola e uma prática docente para o combate as mais variadas e diversas formas de desrespeitos e, neste caso específico que aqui se trata, o racismo contra a população africana e afrodescendente, combate a imagem estereotipada desse segmento social. Nesse mesmo olhar analítico, e de forma análoga, Fazenda (1998) nos é oportuna quando trata da interdisciplinaridade e o compromisso com o “mundo real”:

[...] para o exercício da interdisciplinaridade é necessário pautarmos-nos no argumento do “mundo real”, ou seja, “[...] A vida, segundo esse argumento é ‘naturalmente’ interdisciplinar, portanto, a educação interdisciplinar reflete o ‘mundo real’ de maneira mais eficiente do que a instrução tradicional [...]”. Desta maneira, a prática interdisciplinar serviria como solução para alguns problemas sociais, à medida que se desenvolveriam cidadãos mais críticos e conscientes de seus papéis sociais. (FAZENDA, 1998, p. 117 *apud* AZEVEDO, LIMA, 2013, p. 135 – 136).

Na mesma linha de análise exposta nos parágrafos anteriores observa-se, que em sua maior parte, as práticas do ensino escolar ignoram as africanidades, traços culturais africanos, e afrodescendências,

cultura africana transformada ou “reprocessada no Brasil” (CUNHA JÚNIOR, 2008, p. 234), presentes no processo de construção da história o que gera um ônus para a população negra e a sociedade em geral fugindo a responsabilidade de “construir significações positivas da cultura afrodescendente e desenvolver ações que promovam à diversidade cultural e histórica” (NUNES, 2011, p. 51) invisibilizando o negro e suas contribuições na nossa construção histórica. Fato perceptível na maioria dos livros que compõe a literatura infantil utilizada na escola e que invisibiliza a presença negra, bem como as suas inúmeras contribuições à história e à cultura.

Embora esse “silêncio do não falar sobre os temas de interesse dos Afrodescendentes e da cultura trazida pelos africanos para o Brasil, não cala a herança cultural” (CUNHA JÚNIOR, 2008, p. 234) que deve ser reconhecida e discutida nas escolas.

Porém, deve-se discutir com base em material que trate positivamente a herança cultural de africanos e afrodescendentes no Brasil uma vez que encontramos nos mais diversos lugares os valores civilizatórios trazidos da África e ressignificados aqui. Estes estão presentes em lugares como “na capoeira, nas comunidades de quilombos, nas casas religiosas de candomblé e umbanda, nos bairros de predominância negra, nas danças e ritmos [...]” (VIDEIRA, 2008, p. 217), mas também em alguns livros que trazem esses traços culturais africanos e afrodescendentes.

Dessa forma acreditamos que o trabalho com uma literatura que, como dissemos, trate positivamente as africanidades e afrodescendências, é de grande importância para a valorização de nossa herança cultural africana. Não podemos esquecer que vivemos em um país diverso e, portanto, a Branca de Neve, a Chapeuzinho Vermelho, etc., não representam todas as nossas crianças e não abrem um leque de possibilidades para que, na infância, seja construído o conhecimento, a valorização e o respeito a nossa diversidade e multiculturalidade.

### **Multidisciplinaridade e interdisciplinaridade: emergências, possibilidades, educação para a diversidade e cidadania**

Inicialmente é importante salientar que os conceitos de multidisciplinaridade e de interdisciplinaridade são polifônicos e difíceis de delimitações conceituais, pois as literaturas que se dedicam a tratar de

forma profunda tais conceitos ora divergem ora convergem assim tornando-se complexo demarca-las em caixas epistemológicas fechadas e rígidas. Mas deixa-se claro aqui que a proposta, neste breve ensaio, não será aprofundar essa discussão conceitual, mas apenas apropriar-se de algumas concepções que fundamentam esses dois conceitos objetivando nortear uma temática de estudo para possibilidades de ensino nas linhas da multi e da interdisciplinaridade.

Nesse sentido, novas temáticas exigem novas formas de atuar, nas mais variadas perspectivas no referente aos estudos, análises, ensino e aprendizagem. Neste caso específico a discussão do tema africanidades no Brasil. Por esse viés é possível dialogar o tema e os caminhos de aplicação da multi e da interdisciplinaridade, como observa Bicalho e Oliveira (2011):

[...] oferecer alternativas aos modos de pensar e fazer da ciência clássica, disponibilizando, para além do pensamento analítico-reducionista, formas de investigação científica que atendam às necessidades de compreensão de fatos e fenômenos em toda a sua complexidade. (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 5).

Bicalho e Oliveira (2011) ainda nos ajudam a compreender a importância da multidisciplinaridade no que se trata a conexão de conhecimentos a partir de um objeto específico que neste artigo foi definido como a temática africanidade e a literatura infantil. Destarte, a multidisciplinaridade satisfaz a necessidade da relação de conhecimentos especializados utilizando estudos sobre um determinado objeto de uma mesma área ou com o uso de diversas áreas no mesmo momento.

O ensino das africanidades a partir da literatura infantil, numa ótica de novas formas e métodos de ensino e aprendizagem, saindo dos métodos tradicionais e reducionistas, coaduna com as características axiais no tocante as experiências multidisciplinares, colocadas por Bicalho e Oliveira (2011).

Com base em Domingues (2005) os autores acima definem pontos demarcadores de uma ação educativa e pedagógica multidisciplinar, e uma delas nos interessa, “aproximação de diferentes disciplinas para a solução de problemas específicos” (DOMINGUES, 2005, p. 22 *apud* BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 8). Esta justaposição entre as diferentes áreas na prática educativa será possível partir do uso de literatura infantil no combate ao racismo e aos estereótipos

construídos sobre as imagens, a história e cultura africana e afro-brasileira. Assim esse ajuntamento das áreas seria dado pela literatura e o problema específico a ser solucionado seria o racismo e os estereótipos edificados ao longo da história brasileira.

É de grande relevância destacar que essa abordagem metodológica, de produção de conhecimento, de prática educativa, o processo de ensino-aprendizagem, com uso da perspectiva multidisciplinar, não negará as disciplinas, já que estas serão base para o desenvolvimento da multidisciplinaridade. É o uso da habilidade de saber conduzir, isso exigido daquele que educa, um tema dentro de todas as áreas de forma que não se isolem nas especificidades disciplinar (FAZENDA, 1995). Deve despertar no ato da multidisciplinaridade “a preocupação com a unidade do saber [...]” (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 8).

Porém, a proposta exposta pretende escapar a mera e falseada compreensão de que usar a literatura, no combate ao racismo e aos estereótipos, para o ensino-aprendizagem garante a multidisciplinaridade. Pois exige um compromisso por parte das disciplinas para com a compreensão e estudo do tema sugerido para o trabalho. Então trabalhar a literatura africana e afro-brasileira no espaço da escola se faz necessário que o professor de cada disciplina escape ao olhar epistemológico eurocêntrico e colonialista predominante ainda no fazer educativo e na ciência. O educador se apropriando das suas disciplinas e com o domínio que a possui poderá utilizar da melhor maneira na sua prática educativa. Como observaram Fazenda (1998), Bicalho e Oliveira (2011) a multidisciplinaridade não busca anular a disciplinaridade, mas permitir que esta seja inserida naquela enquanto prática transformadora e atuante no processo de aprendizagem.

Em se tratando da interdisciplinaridade recorre-se a construção conceitual sugerida por Fazenda (1995). Na perspectiva da autora, a interdisciplinaridade se concretiza no fazer e perceber o mundo dado e, gerando, portanto, um estímulo no ator do conhecimento entender os problemas colocados na sociedade, fazendo esse sujeito escapar a zona de calmaria em que está inserido pela disciplinaridade. Assim, fazendo despertar para o encanto daquilo que ora parecia utopia quando olhada pela ótica da disciplina (FERREIRA, 2010; FAZENDA, 1995).

As possibilidades de alcançar algo que ora era inatingível só é possível quando se percebe que aquele lugar utópico, o não-lugar, que poderia não existir é passível de existência quando se escapa aos modelos

dados e impostos como verdadeiros. Aquilo que era e é entendido como não possível no viés da disciplinaridade pode ser concretizável diante a interdisciplinaridade. Nesse caminho analítico coloca-se que a não possibilidade de trabalhar, como grande parte dos docentes expõe, na prática pedagógica e educativa conteúdos que não pertencem as suas disciplinas, esse não lugar, é possível ser trabalhado numa perspectiva da interdisciplinaridade, neste caso usando como norte o tema, na discussão em questão, as africanidades e a literatura infantil.

O não-lugar torna-se o lugar a partir da utilização da prática educativa pela temática e, utilizando como método e ação pedagógica, a interdisciplinaridade. Desse modo retomando “o encanto da descoberta e da revelação do novo e complexo processo de construção do saber” (FERREIRA, 2010, p. 14). Logo, implicando “em aprendizagem de nova atitude perante o processo de conhecimento. A interdisciplinaridade é compreendida como abertura ao diálogo com o próprio conhecimento” (FERREIRA, 2010, p. 14). Pois a interdisciplinaridade “se caracteriza pela articulação entre teorias, conceitos e ideias, em constante diálogo entre si [...] que nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar” (FAZENDA, 1998, p. 28 *apud* FERREIRA, 2010, p. 14).

O trabalho com a interdisciplinaridade é considerado fundamental para o trabalho com a temática em tela, como se sugere a Lei 10.639/2003<sup>3</sup> e as diretrizes curriculares para ensino de história e cultura africana e afro-brasileira (2004). Sendo possível partindo de um projeto que busque envolver a ação coletiva, no estudo em questão o uso da literatura infantil anticolonialista e antirracista, interessada em integrar, interagir e interrelacionar as disciplinas e os desejos dos sujeitos para possibilitar a edificação de um conhecimento único que combata a segregação, o racismo e os estereótipos. Por esse nível de importância o fazer interdisciplinar deve ser conquistado no espaço mais restrito do *lôcus* educativo, a sala de aula deve contemplar essa prática pedagógica voltada ao diálogo entre as disciplinas visando um fazer de interdisciplinaridade. (FAZENDA, 1998; CANDAU, 2012; MARQUES, 2010; AZEVEDO, LIMA, 2013).

Azevedo e Lima (2013) explicitam a forma de como fazer acontecer essa interdisciplinaridade dentro da sala de aula:

---

3 Colocou como imperativo o ensino a respeito da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica do Brasil e modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996.

No que se refere à sala de aula interdisciplinar, a autoridade deve ser conquistada e não imposta, bem como os valores e regras do convívio escolar. A avaliação deve ser processual e o ambiente precisa ser composto por satisfação, humildade e cooperação. Práticas escolares interdisciplinares precisam visar à construção de conhecimentos globais que ultrapassem a separação de saberes. Para tanto, é importante que os docentes busquem ir além da integração de conteúdos. Torna-se necessária a adoção de atitudes e posturas interdisciplinares. [...]. (AZEVEDO, LIMA, 2013, p. 133).

A sociedade possui pouco conhecimento acerca da temática africana e afrodescendente, durante toda a história da educação brasileira, como reflexo da sociedade, não houve preocupação e interesse de edificar um diálogo e uma educação para mudanças no tocante a transformar a realidade dispare em termos étnico-raciais. Hoje, percebe-se uma tímida alteração dessa realidade, o que leva a pensar a estrutura social no espaço das escolas as quais são carentes de práticas educativas que busquem combater o racismo e introduzir uma cultura de ensino focada em seu cotidiano discutir as contribuições da população negra no viés positivo e não estereotipado. Nesse viés “as interrelações de currículo com interdisciplinaridade e multiculturalidade representam uma proposta contrária ao currículo hermético, antissocial e descontextualizado que ainda se pratica em diversas salas de aula”. (MARQUES, 2010, p. 278).

As emergências étnicas e culturais na sociedade trazem à tona novos paradigmas antes não tratados, novos focos de pesquisa e de investigação serão demandados. Surge a necessidade de rever as práticas epistemológicas de forma a contemplar as novas exigências sociais. Nesse contexto se exigem posturas educacionais antes não idealizadas, novas reivindicações entram em pauta. (LIBÂNEO, 2002; CANDAU, 2011, 2012). Desse modo exige: repensar o fazer científico; os espaços institucionais de educação; as práticas educativas; as formações continuadas. Faz-se urgente reavaliar e repensar o currículo no intuito de contemplar as novas emergências sociais, culturais e políticas, e nesse contexto entra questão étnico-racial brasileira. (GOMES, 2008; MOREIRA e CÂMARA, 2008; LIBÂNEO, 2002; CANDAU, 2011; GIROUX, 1986). Seguindo esta linha propositiva pode-se considerar e afirmar que:



Interdisciplinaridade é uma maneira [...] de se trabalhar o currículo disciplinar qualitativamente negando-o, abrindo-se para diferentes possibilidades, ou seja, os professores de diferentes saberes se unem para desfragmentar o conhecimento que está hermético, encerrado em cada disciplina, de forma que haja ruptura entre a rígida linha que separa os saberes, e pelo trabalho pedagógico o aluno consiga perceber que há uma multiplicidade de estruturas que se relacionam para construir este conhecimento por uma única via. (MARQUES, 2010, p. 280)

Fazenda (1995) coloca que o trabalho com a interdisciplinaridade tem um compromisso com as questões sociais, em que a partir do intento daqueles que participam da ação podem ensinar de forma a atuar, com a elaboração de conhecimentos, sobre o cotidiano escolar, social, cultural e político. Thiesen (2008) por sua vez, nos é oportuno quando trata da relação entre a interdisciplinaridade e ação do professor/educador na prática docente no espaço escolar:

[...] o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade [...] precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais [...] O conhecimento não deixará de ter seu caráter de especialidade, sobretudo quando profundo, sistemático, analítico, meticulosamente reconstruído; todavia, ao educador caberá o papel de reconstruí-lo dialeticamente na relação com seus alunos por meio de métodos e processos verdadeiramente produtivos. A escola é um ambiente de vida e, ao mesmo tempo, um instrumento de acesso do sujeito à cidadania, à criatividade e à autonomia [...] Ela deve constituir-se como processo de vivência [...] Por isso, sua organização curricular, pedagógica e didática deve considerar a pluralidade de vozes, de concepções, de experiências, de ritmos, de culturas, de interesses. A escola deve conter, em si, a expressão da convivialidade humana, considerando toda a sua complexidade. A escola deve ser, por sua natureza e função, uma instituição interdisciplinar. (THIESEN, 2008, p. 551-552).

Nesse sentido, cidadania é permitir que todos os estudantes das escolas, independente de classe, raça, etnia, cultura e religião, conheçam a história, a cultura e as contribuições do povo africano e de seus

descendentes à sociedade brasileira de forma não estereotipada e estigmatizada. Assim, garantindo o direito, a equidade, o respeito à diferença. Cidadania é, em sua essência, aquilo que permite o sujeito participar de forma direta na transformação da sociedade e tem como retorno a garantia de sua existência dignamente (FELTRAN, 2003; SCHERER-WARREN, 1999; GOHN, 2003; BRASIL/DCN, 2004). Assim:

[...] é possível realizar uma contextualização dos conteúdos, aproximando os alunos das problemáticas de sua realidade histórica. “Contextualizar é função inicial e talvez uma das principais atribuições do professor em sala de aula, transformando esta caminhada, antes árdua, em um processo feliz, prazeroso” (FAZENDA, 1998, p. 40 *apud* AZEVEDO, LIMA, 2013, p. 139).

A relação de poder, construída pelo grupo dominante, desvirtua e continua a distorcer a realidade dada, fazendo com que uma camada da sociedade permaneça invisibilizada. O currículo imposto pelo poder estabelecido soterrou e soterra histórias, nega direitos, deixa identidades sob os escombros do esquecimento, mostra a história e o poder das elites, propaga ideologias e modelos elitistas. Os lugares de educação formalizada têm contribuído para a reprodução de uma cultura preconceituosa, racista, segregacionista, machista, xenófoba, quando desconhece as maneiras corretas de atuar para uma educação inclusiva e com respeito à diversidade ou quando conhece e não age para a mudança dessas ações degradantes. Para superar esse contexto e cotidiano escolar Azevedo e Lima (2013) sugerem o uso da interdisciplinaridade como possibilidade de reverter essa estrutura dada previamente pelas relações de poderes. “Sobretudo, porque o trabalho interdisciplinar pressupõe desestabilização de rotinas, exposição de ‘fraquezas’ e alterações no currículo”. (AZEVEDO, LIMA, 2013, p. 144).

### **Experienciando - Multidisciplinaridade e interdisciplinaridade: a literatura infantil afro-brasileira, possibilidades e emergências educativas**

As crianças afrodescendentes também precisam ver e conhecer princesas negras, histórias que as valorizem com sua cor, cabelos, traços culturais e ancestralidade. As crianças não negras precisam conhecer

outros modelos de princesas, outras formas de contar histórias, ou seja, precisam saber que existe um mundo diverso. Propomos então, com base no discutido acima, e após palestra proferida pela professora Kiusan Oliveira, um trabalho de pesquisa e de contação de narrativas com base em obras da literatura infantil voltadas para a valorização das africanidades, das pessoas negras: “O Mundo no *Black Power* de Tayó” e “A África de Dona Biá”. O material pode ser trabalhado por professores de diversas áreas do conhecimento, remetendo-se assim tanto a multi como a interdisciplinaridade como exposto em parágrafos anteriores.

Já que a multidisciplinaridade pode ser compreendida como a vinculação de conhecimentos em que se parte objeto específico de uma determinada área para estudá-lo ou com a utilização de várias disciplinas no mesmo instante. De tal modo, o tema africanidades e o uso da “ferramenta” educativa, a literatura infantil, como forma e método de ensino e aprendizagem, permite a partir das características fundantes multidisciplinares, serão os pontos demarcadores para a concretização dessa multidisciplinaridade. Tornando-se assim como motes da ação educativa e pedagógica para além da disciplinaridade (BICALHO, OLIVEIRA, 2011). Este ajuntamento entre as diferentes disciplinas para ação pedagógica, almejada pela multidisciplinaridade, ocorrerá por meio da literatura infantil na luta contra o racismo e estereótipos.

O primeiro livro, escrito pela professora Kiusam Oliveira, traz uma menina muito esperta que cuida de seu cabelo *black power*. A autora traz, como marca identitária e de autoafirmação de Tayó o seu cabelo que é fonte de orgulho e de cuidados por trazer uma beleza ímpar e por poder ser arrumado, penteado de diversas formas. Há o empoderamento da criança e traz elemento para a valorização de uma das características da população negra que é o cabelo crespo. O segundo que traz como autor Fábio Gonçalves Ferreira, apresenta uma narrativa onde crianças tinham medo de Dona Biá, uma senhora negra que recebe a menina Aninha em seu portão e desmistifica os rótulos negativos que a menina tinha sobre a África contando algumas das belezas e riquezas que por lá foram e ainda são encontradas.

Recebemos em Bodocó, na escola João Carlos Lócio de Almeida, no dia 19 de setembro dois mil e dezesseis uma palestra proferida pela professora Kiusan Oliveira intitulada “A Literatura Infantil e o Empoderamento da Criança Negra” que plantou conhecimentos acerca da importância de se trabalhar um conteúdo diferenciado e diversificado na literatura infantil em sala de aulas. Foi um

momento de transmissão do conhecimento, mas também de avaliar a prática docente em relação à abordagem da temática sugerida pela Lei 10.639/03 em na escola.

Pois havia a possibilidade de construir uma ação, uma prática e/ou um projeto interdisciplinar e multidisciplinar que objetive construir no educando uma perspectiva de respeito mútuo e compreensão da cidadania, permitindo que essa ação educativa escape ao mero e simplesmente ato de informar. Construir o conhecimento, o verdadeiro conhecimento, aquele que busca elaborar e perpetuar a cidadania, a percepção do outro, a compreensão que a existe de cada um esta diretamente relacionado à existência dos outros, a compreensão de que a formação identitária está imbricadamente relacionada com a alteridade (MARQUES, 2010, p. 281; THIESEN, 2008). Logo:

Pela construção conjunta de saberes interdisciplinares a percepção do aluno sobre o nível qualitativo e diferenciado de seu aprendizado transforma-se em motivação e aprofundamento de intencionalidade no projeto. Experiências traduzidas por projetos interdisciplinares bem sucedidas com estudantes [...] são grandes impulsionadores de uma prática profissional qualitativa e embasada epistemologicamente nos conteúdos. Este contributo [...] também corrobora com um tipo de educação qualitativamente diferenciada, o que proporciona visões também ampliadas sobre a cidadania, a convivência em grupo e sobre a vida. (MARQUES, 2010. p. 282).

A instituição de ensino que referimos aqui contém o Ensino Médio na modalidade Normal Médio com o intuito de preparar professores aptos a trabalharem nos anos iniciais do ensino fundamental. Foram os alunos de duas turmas desse curso que foram participantes do projeto de contação de histórias que viemos narrar. Uma turma de 2º ano e outra de 3º ano que participaram do momento de formação e receberam as duas histórias para prepararem e realizarem as contações.

Cada turma foi dividida em quatro equipes, dessa forma foram montadas oito contações de histórias sendo quatro sobre cada livro já mencionado, pois a escola João Carlos Lócio de Almeida tem um grande numero de turmas do Ensino Fundamental II, que receberam as contações, e também levamos o trabalho para ser apresentado na Escola do Serviço Social do Comércio (o SESC Ler Bodocó - PE).

Em um primeiro momento realizamos uma apresentação onde cada equipe apresentou o seu trabalho para os colegas de turma e para a outra turma participante. Em seguida, obedecendo a um cronograma de apresentações as equipes seguiram contando suas histórias para os alunos do fundamental II da escola João Carlos Lócio de Almeida. Este contou com cartazes onde imagens diversas eram expostas e diálogo ao final da apresentação sobre a história o que ela traz e representa.

Também seguindo um cronograma de apresentação levamos o trabalho para as crianças do “SESC Ler” também com a exibição de imagens e diálogos ao final para a discussão e interpretação das histórias, bem como para plantar a semente da valorização ao diverso, ao que é africano e afrodescendente, bem como construir o respeito em torno dessas temáticas.

Esse foi um trabalho bem avaliado tanto pelas turmas que o desenvolveram, quanto pela gestão escolar, pelos alunos e professores que receberam a contação de histórias e pela equipe do SESC.

Esse projeto não acabou com o final do ano letivo de 2016, pois a repercussão que ele causou pela sua temática e qualidade fez com que as escolas municipais se interessassem por ter essa contação de histórias para suas crianças. Dessa forma, no último mês de junho uma das equipes do antigo 2º ano, atual 3º ano, foi até a Escola Municipal Theodózio Leandro Horas realizar a apresentação do trabalho contando a história do livro “A África de Dona Biá” a convite da equipe gestora da referida instituição de ensino por ocasião de um projeto de leitura que estavam desenvolvendo.

Tendo como princípio que a educação também transforma e não só reproduz (GIROUX, 1986), propomos uma inovação nas histórias e estórias contadas para as crianças, nas quais os estudantes do Normal Médio se propuseram a realizar a contação de histórias o que se mostrou como um indicativo de abertura à diversidade, pois quando propomos uma educação que valorize as africanidades não propomos o apagamento das demais culturas, uma vez que as diversas contribuições no ensino são sempre bem vindas quando vem com o intuito de torná-lo mais próximo dos professores e alunos. Gomes (2008) nos é oportuna quando escreve que:

[...] as inferências aqui conduzidas parecem ser um dos caminhos que podem ser trilhados na busca de uma prática mais prazerosa, pois o processo de aprendizagem pode ser mais vivo e criativo,

quando fazem sentido em nossas vidas, quando nos sentimos presentes de forma construtiva nas discussões e interações em sala de aula, sem discriminações nas avaliações e no material didático utilizado [...] (p. 26).

A experiência discursiva com os adolescentes foi de fato produtiva e a sua iniciativa de contar outras histórias com base em uma literatura de cunho afrodescendente inovadora, fato que fez do projeto de contação de histórias algo prazeroso e de fundamental importância para que possamos alcançar o ensino que contemple a nossa diversidade, além de valorizá-la e respeitá-la.

### **Conclusão**

Na educação para a libertação não são possíveis nem desejáveis discursos fechados, homogêneos, hegemônicos, pois, essa forma de educação deve ser erguida, principalmente, pela atuação dos sujeitos que estão às margens da estrutura social dominante. Por conseguinte, essa educação, construída pelos próprios sujeitos históricos, permitirá encontrar soluções possíveis quando utilizados como meios para solucionar os problemas e inquietações elaboradas na realidade social e histórica. A multidisciplinaridade e a interdisciplinaridade podem ser artefatos fundamentais nesse processo de uma educação inclusiva e democrática.

A práxis, relação dialógica, a interação entre sujeito e mundo, portanto, é o fundamento primeiro no que tange um mundo mais justo e igual. A educação libertadora dialógica chega ao seu ápice quando sobrepuja as estruturas díspares dominantes, quando supera preconceitos e as interpretações de mundo que imperaram na atualidade dissonante. O modelo educacional não foge da sua essência estratégica de politização, parte inerente da constituição das relações democráticas.

Refletir um novo e diferente fazer educacional para uma inserção e compreensão da realidade social e histórica é revirar modelos dados e entendidos como verdadeiros; assim, conseqüentemente, difíceis de serem demolidos. Olhar a educação nesse viés de propor mudanças e inserção, de uma discussão voltada à inclusão e a busca pela compreensão do outro, do diferente, antes vistas como desnecessária e inócua, é escapar aos moldes já formulados e aceitos como verdade; é

ultrapassar o que se entende por formatação curricular e moldes sociais preestabelecidos.

Este é o formato de educação que deve ser praticado nos lugares educativos, propondo a compreensão dos conceitos de multi e interdisciplinaridade e de suas reais possibilidades de se fazer o cotidiano diferente em cada escola, em cada sala de aula. Nas práticas educativas compromissadas e fundamentadas sobre as reais possibilidades de fugir a plena e única ideia de disciplinaridade pode ser o caminho para se fazer uma educação diferente e abaladora do currículo dominante e excludente. Assim, pode-se se reviver, pode se educar para a perpetuação do que antes era invisibilizado pelo poder dominante. Deve-se educar para continuar os saberes democráticos e inclusivos, deve-se educar para alterar a realidade segregacionista. Dessa maneira, busca-se refazer a realidade dada com a finalidade de elaborar um mundo melhor com uma vida digna.

### Referências

BICALHO, Lucinéia Maria; OLIVEIRA, Marlene. Aspectos conceituais da multidisciplinaridade e da interdisciplinaridade e a pesquisa em ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 32, p. 1-26, 2011.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Lei nº 10.639**. Publicada em 09 de janeiro de 2003.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação nas Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

BOVO, Marcos C. Interdisciplinaridade e transversalidade como dimensões da ação pedagógicas. **Revista Urutágua – Revista Acadêmica multidisciplinar**. Maringá, Universidade Estadual de Maringá, n. 7, ago./nov. 2005.

BUENO, Mara Natércia Nogueira. O samba: cantando a História do Brasil. In: RASSI, Taleb (Org). **Negros na sociedade e na cultura brasileiras III**. Goiânia: Ed. da UCG, 2008.

CANDAU, Vera. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). **A didática em questão**. Petrópolis: Vozes, 2012.

CUNHA, Henrique Cunha Jr. Me chamaram de macaco e eu nunca mais fui à escola. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa, CUNHA Jr. Henrique (org). **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

FAZENDA, Ivani Catarina. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2 ed. Campinas, Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **Desvelar a política na periferia: histórias de Movimentos Sociais em São Paulo**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2003.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. **A África de Dona Biá**. Belo Horizonte-MG: Cedic, 2013.

FERREIRA, Nali Rosa Silva. Currículo: espaço interdisciplinar de experiências formadoras do professor da escola de educação básica. In: Publicação Oficial do GEPI- Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – Educação/ Currículo – Linha de Pesquisa: Interdisciplinaridade: PUC/SP. **R. Interd.**, São Paulo, Volume 1, número 0, p.01-83. Out, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GIROUX, H. **Teoria Crítica e Resistência em Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

GOHN, Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais: A Construção da Cidadania dos Brasileiros**. São Paulo: Loyola, 2003.

GOMES, Ana Beatriz Sousa, CUNHA Jr. Henrique (org). **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática: velhos e novos temas**. Edição do Autor, 2002.

LIMA, Aline Cristina da Silva; AZEVEDO, Crislane Barbosa de. A interdisciplinaridade no Brasil e o ensino de história: um diálogo possível. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 2, n. 3, jul./dez. 2013.

MARQUES, Maria José Diógenes Vieira. A importância da disciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade,



transversalidade e multiculturalidade para a docência na educação. **Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE Uberlândia/MG** p. 274-291 21 e 22 de maio 2010.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa e CÂMARA, Michelle Januário. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antônio Flávio e CANDAU, Vera Maria (org). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NUNES, Cícera. **Reisado: uma proposta para o Ensino das Africanidades**. Fortaleza: Conhecimento Editora, 2011.

OLIVEIRA, Kiusam de. **O Mundo no Black Power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras: ações coletivas na era da globalização**. Hucitec, 1999.

THIESEN, Juarez da Silva. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Rev. Bras. Educ.** vol.13 n. 39. Rio de Janeiro Sept./Dec. 2008

VIDEIRO, Piedade Lino. Dança do marabaixo: cultura negra em busca da memória do afroamapaense. In: GOMES, Ana Beatriz Sousa, CUNHA Jr. Henrique (org). **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

**Recebido:** 30/07/2017

**Aprovado:** 10/12/2017

LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSTA EDUCATIVA PARA A VALORIZAÇÃO DAS AFRICANIDADES E AFRODESCENDÊNCIAS NUMA PERSPECTIVA MULTI E INTERDISCIPLINAR